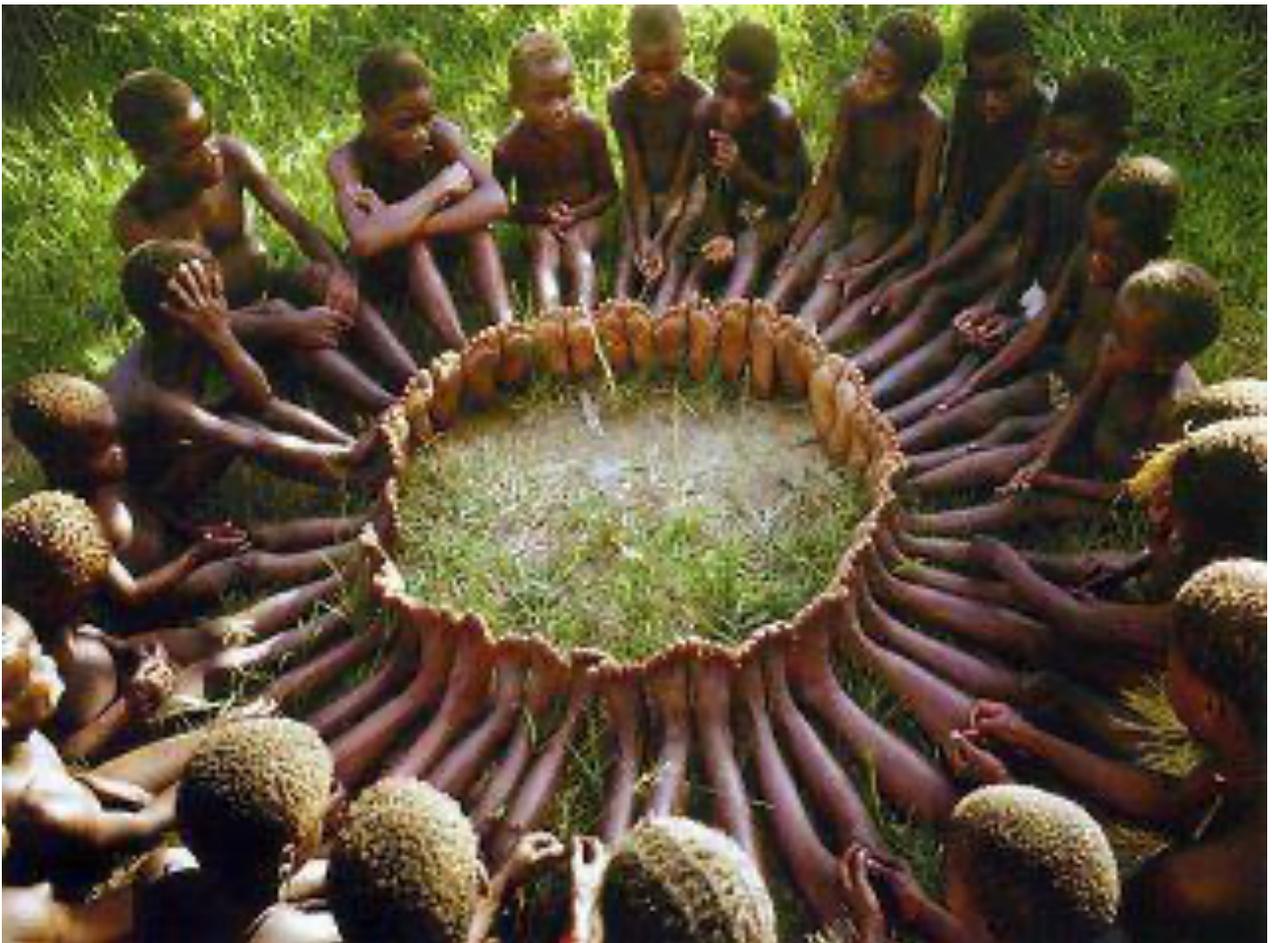


Eu sou, porque Nós somos!

Ubuntu



Paulo Silveira, 22/12/2023

[Observatório das Adições Bruce K. Alexander](#)

Eu sou porque NÓS somos.

Ubuntu

"Os filósofos limitaram-se a interpretar o mundo de diversas maneiras; precisamos é modificá-lo." Karl Max

Paulo Silveira, 22/12/2023

[Observatório das Adições Bruce K. Alexander](#)

A espécie humana é, dentre todas as existentes no planeta, a mais frágil. Temos inúmeras marcações que demonstram essa afirmação, como, por exemplo, em nenhuma outra espécie a cria depende tanto tempo de seus progenitores como a nossa.

O que nos transformou no que somos, dentre muitas outras características, foi a solidariedade e a criatividade, as quais, conjugadas, permitiram que, ao longo do tempo, fôssemos construindo artefatos, tornando-nos a espécie com a maior capacidade de interferência no planeta¹.

Com a migração do humano pelo planeta, formaram-se diversas sociedades com hábitos e costumes definidos, principalmente, pela interação com o meio que os cercava, viabilizando a formação de culturas, cada uma orientada por suas "verdades"².

Assim, por exemplo, em algumas regiões, foi estimulada a poligamia, em outras, a monogamia etc.

Um dos processos mais marcantes e constitutivos de nossa sociedade é a família. Infelizmente, o conceito de família nasce no mesmo movimento que o da propriedade privada, passando a dar maior relevância às necessidades do que aos afetos e, como resultado, o poder ganha ênfase, reduzindo cada vez mais a colaboração entre nós³.

Os que não têm poder, transformam-se em subalternos e, alguns, em excluídos sociais.

Ao mesmo tempo em que os sem poder tornam-se subalternos, os com poder passam a constituir a elite, que determina as leis, as normas e as verdades, a partir de suas convicções e interesses. Mas, para manter-se como elite, tem de dar algo em troca, por exemplo, garantir a sobrevivência de seus subordinados.

Ao longo de nossa história, vivemos inúmeras experiências de organização social, resultando em diferentes regimes sociais, os quais geraram diversas formas de cada um de nós exercer sua cidadania⁴.

Para que a elite se mantenha como tal, usufruindo dos privilégios que lhe são atribuídos, estabelece-se como estratégia, quase que unânime (a ponto de ser normatizada), que aqueles

¹ Richard E. Leakey & Roger Lewin; O Povo do Lago, ed UnB

² "... verdade é simplesmente um termo de aprovação que autoriza o uso regular de palavras, sentenças, frases, explicações ou teorias para descrever coisas, estados de coisas ou eventos, por certos sujeitos em certas situações." Jurandir Freire Costa, A face e o verso

³ Friedrich Engels; A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado

⁴ "Cidadania não é uma definição estanque, mas um conceito histórico, o que significa que seu sentido varia no tempo e no espaço." Jaime & Carla Pinsky; História da Cidadania; ed Contexto

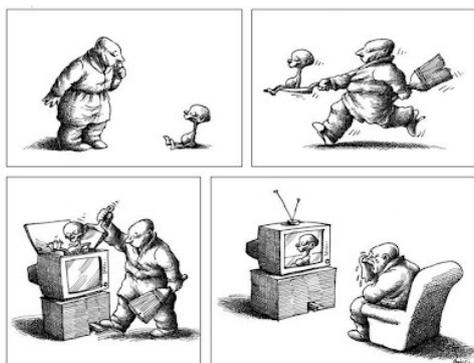
que dela discordam sejam classificados como doentes ou criminosos, garantindo com isso que o correto é o que as elites estabelecem como tal.

A partir da lógica de que a elite e o sistema que ela impõe estão sempre corretos, os excluídos sociais são tratados como algo externo ao sistema, decorrência de algum acontecimento extraordinário que não pode ser previsto nem controlado, ou a partir de uma ou mais características do próprio indivíduo.

Sem levar em consideração questões místicas, um caso clássico de excluído social é o de Jesus Cristo, condenado à morte por defender ideias que não interessavam às elites⁵, sendo que sua morte foi decidida pelo povo, o qual poupa dois ladrões confessos.

Ao longo desses 2023 anos, pouca coisa mudou!

Continuam morrendo defensores dos direitos humanos, jornalistas, destacados integrantes de movimentos sociais e sociedades inteiras, como Israel está fazendo com os palestinos pelo simples fato de que Israel deseja as terras que os palestinos ocupam, e o resto do mundo a tudo observa passivamente.



O que parece ser um movimento espontâneo e bem-intencionado aos olhos dos mais inocentes, na verdade, baseia-se em toda uma intensa elaboração e manipulação de informações por meio das grandes mídias, pertencentes às elites dominantes.

Ao fim da segunda guerra mundial, as elites financeiras e intelectuais chegaram à conclusão de que não podiam continuar a lidar com os movimentos sociais como fizeram com o nazismo, o comunismo¹ ... deixando-os livres para depois de instalados, combatê-los.

Aproveitaram o momento propício e, com um discurso absolutamente coerente, fundaram a ONU, uma instituição que deveria reunir todos os países "soberanos". Lá, decidiriam "pacificamente" as diferenças sem precisarem recorrer a guerras. Dessa forma, a humanidade poderia viver um bem-estar social igualmente distribuído, com todos os seres humanos tendo assegurada uma qualidade de vida similar.

Nesse mesmo movimento, criaram diferentes setores na própria ONU, sob a justificativa de terem de lidar com questões específicas como a fome, crianças etc. (UNICEF, UNESCO, FAO, Fundo Monetário Internacional / FMI, Banco Mundial, ...).

⁵ "Enquanto a população em geral se mantiver passiva, apática, entretida com o consumismo ou distraída pelo ódio contra os vulneráveis, os poderosos continuarão fazendo o que lhes der na telha, e aos que sobreviverem não restará senão contemplar o resultado" Noam Chomsky, *Quem manda no mundo?* ed. Crítica

Como não podia deixar de ser, foi criada também a *Triteraf*⁶, uma comissão composta por intelectuais, empresários, altos executivos empresariais etc., destinada a acompanhar os movimentos sociais desde o seu nascedouro, alimentando aqueles que lhes interessassem e destruindo os que não os interessassem ainda em seu nascedouro. Os meios que fossem necessários para alimentar ou destruir os movimentos sociais não interessavam:

*"a pobreza tem sido endêmica ao longo da história da humanidade; existem disparidades que são "naturais" e diferenças que são "inevitáveis". O que de melhor se pode intentar é um certo alívio da extrema pobreza. Contudo, não convém cair em utopias... Um sentido global de comunidade entre os seres humanos é importante para uma ordem mundial que funcione. É algo necessário para gerar energia e motivação para sacrifícios."*⁷

A partir dessa visão, eles entendem que a China e a Rússia passam a ser "adversários limitados". Quem os preocupa, sobretudo, é o Terceiro Mundo, já que este poderia negar-se a cooperar; e cooperar, aqui, significa manter-se subordinado aos interesses das elites⁸.

Pela primeira vez na história, a elite assume abertamente que sua existência está condicionada diretamente à aceitação do fato de que ela deve ter privilégios em detrimento dos demais⁹.

O nome trilateral se deve ao fato de que essa elite estabelece que é necessário dividir o controle da humanidade a partir dos EUA, Europa e Japão.

No Brasil, a normalização da existência de cidadãos e cidadãs brasileiras de "segunda classe" - o que significa dizer em permanente sofrimento e sem nenhuma perspectiva de vida - é imposta pelo Estado brasileiro desde sempre. Essa situação permitiu o extermínio dos povos nativos e a existência do regime bárbaro da escravidão, com o Brasil sendo o último país do mundo a aboli-la.

Até mesmo a "suposta" abolição da escravidão em 13 de maio de 1888 foi, na realidade, uma estratégia escolhida pela elite a partir do que lhe era mais conveniente, uma vez que o poder público não criou nenhuma política pública que promovesse a inclusão social efetiva dos ex-escravizados¹⁰.

Ao longo do tempo, diversos outros fatores foram agravando a situação dos excluídos sociais no Brasil, por exemplo, o fim da Guerra dos Canudos (1896-1897)¹¹, pois os soldados federais (a quem foram prometidas casas na cidade, promessa que não foi cumprida) foram determinantes para a perpetuação do que hoje chamamos de "população em situação de rua", desde sempre caracterizada pelo abandono do Estado, sem o menor pudor.

⁶ Hugo Assmann, Theotonio Santos e Noam Chomsky, A Trilateral, Nova Fase do Capitalismo Mundial, ed. Vozes

⁷ Idem, página 12

⁸ Idem página 11

⁹ Fred Bergsten, A ameaça do terceiro mundo, Foreign Policy, nº 11, Summer 1973

¹⁰ Darcy Ribeiro, *O Povo Brasileiro*, ed. Cia das Letras

¹¹ Os que foram lutar em Canudos tinham a promessa do Governo Federal de quando retornassem receberiam casas para morarem, o que não aconteceu, não lhes restando outra alternativa a não ser se juntarem aos antigos moradores dos cortiços demolidos pelo Prefeito Pereira Passos para criação da avenida Rio Branco, que também nunca receberam nenhum restituição do governo pela demolição de suas residências, e fundarem a primeira favela da cidade do Rio de Janeiro no Morro da Providência.

Não podemos esquecer que, além das situações que são decorrentes de fatos diversos, ao longo de nossa história, tivemos e temos diversas macroestratégias que têm por finalidade manter as coisas como estão. Ou seja, com a elite beneficiando-se da condição subalterna dos demais, nem que para isso tenha de criar verdades (até mesmo "científicas") que justifiquem intervenções violentas em determinados territórios. Seja para sufocar algum movimento popular que não atenda às demandas da elite ou para aniquilar uma liderança positiva sobre os excluídos, como Zumbi dos Palmares, por exemplo.

Tal forma de agir não é novidade. Os nazistas foram experts em atuar dessa forma. A seguinte frase símbolo traduz essa metodologia:

"Uma mentira repetida 1.000 vezes torna-se uma verdade.

Frase criada por Joseph Goebbels, ministro da propaganda na Alemanha Nazista."

Um dos maiores exemplos desse tipo de estratégia foi e permanece sendo "a guerra às drogas", justificada pela ciência com a criação da "doença", jamais comprovada, da dependência química.

A guerra às drogas

Final dos anos 1960, início dos anos 1970, período em que se inicia uma revolução da moral, dos hábitos e costumes da sociedade burguesa, capitalista, ocidental, patriarcal que imperavam até ali.

Seus líderes são jovens com seus cabelos "longos", com calças largas e desbotadas, tocando rock em suas guitarras elétricas e frenéticas, utilizando gírias e gestos para se comunicarem, amando-se pelas esquinas, tendo como ídolos Elvis Presley, Beatles, Rolling Stones, Led Zeppelin, Pink Floyd (dentre inúmeros outros), com suas músicas que falavam de amor, mas também protestavam contra tudo que estava posto até ali.

Com eles, os hippies e, com os hippies, eventos grandiosos, como em maio de 1968 quando jovens iniciam em Paris uma série de greves e protestos exigindo "paz e amor", apontando para um futuro bastante distinto de um passado de guerras, bombas atômicas, regimes nazistas, fascistas, racistas, belicistas etc. Como diz nosso poeta Caetano Veloso, "Narciso acha feio o que não é espelho".



Passeata em Paris no ano de 1968

No Brasil, em plena ditadura militar, a "passeata dos 100 mil" arrasta para as ruas da cidade do Rio de Janeiro 100 mil cidadãos (a imensa maioria jovens estudantes, mas também artistas e intelectuais) que ambicionavam um convívio social fraterno, solidário, com a sociedade tendo como valor maior a cumplicidade e o acolhimento das diferenças como fator enriquecedor, de forma que todos e todas pudessem conviver em um regime colaborativo e não competitivo, como fora imposto até então.



Três anos depois, surge Woodstock, um festival de música aparentemente despretensioso, organizado por um pequeno grupo de jovens que, surpreendentemente, reúne 500 mil pessoas durante 3 dias seguidos em uma fazenda nos EUA, onde, para desespero de alguns, imperou paz, amor e *rock and roll* <https://www.youtube.com/watch?v=II-wxfVl1Fg> .

A foto a seguir, tirada durante o próprio evento, torna-se emblemática, circulando por todo o mundo, uma vez que retrata fielmente o espírito do festival, como também o desejo de toda aquela juventude que ambicionava por usufruir de novos padrões de relacionamento.



Rapidamente "Paz e Amor" torna-se o lema central de toda uma geração, expressado pelo símbolo



que os adeptos do movimento usavam pendurados em seus pescoços em cordões de couro, sendo este o gesto definidor na comunicação entre eles



© CanStockPhoto.com - 650629958

A ambição era simples: usufruir de uma vida simples, regida pela solidariedade entre todas e todos, muita paz, muito amor!

Até então, tudo parecia correr muito bem. No entanto, a cultura da violência, sustentada pelos conservadores, é que era considerada a grande heroína da humanidade até então, uma vez que havia nos salvado (?!) do nazismo / fascismo.

Paralelamente a esse movimento, alguns jovens identificaram-se com o regime comunista segundo o qual, a solidariedade deveria balizar as relações entre todos, e que estendia seus tentáculos a partir da Rússia.

Na América Central, a revolução cubana conseguiu expulsar de Cuba o regime corrupto e submisso aos EUA e ameaçava a América Latina com seu símbolo maior, Ernesto Che Guevara, que traduzia o espírito revolucionário em frases como esta:



Para agravar a situação, os EUA sofreram uma sequência de derrotas para regimes comunistas totalitários nas guerras travadas na Ásia.

Primeiro foi na Coreia, depois no Camboja e, por último a mais vergonhosa, no Vietnã!



A sociedade capitalista, burguesa, narcísica, egoísta corria sérios riscos, e o único "argumento" conhecido pelos que se mantinham no poder até ali, a violência desmedida, não se justificava contra uma "revolução" que buscava a paz, o amor, a solidariedade, ...

Era preciso encontrar alguma justificativa para que os "donos do poder" pudessem continuar matando, roubando, espoliando, torturando, aprisionando a todas e todos que agissem contra seus interesses.

Em 1971, o presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, identifica e denomina como "drogas" uma meia dúzia de substâncias psicoativas. Ele atribui a elas a culpa por uma possível destruição da sociedade "próspera e justa" que conduzia - a qual era alicerçada em valores como a meritocracia, a caridade, a família burguesa patriarcal, a religião católica apostólica romana - e supostamente governada por regimes democratas justos que haviam recém derrotado o nazismo.

Para combater esse mal que ameaçava a todos nós, ele lançou a "Guerra às Drogas" durante a reunião anual da ONU, cujo propósito era destruir a produção e comercialização de tais produtos. Além disso, autointitulou os EUA como os defensores dessa sociedade ameaçada pelas drogas, o que significa dizer que os EUA permitiriam a si mesmos empregar todos os meios necessários para eliminar o perigo das drogas em qualquer lugar do mundo em que esse perigo surgisse.

Para se ter uma ideia do que isso significou, a organização sem fins lucrativos *Drug Policy Alliance* estima que apenas os Estados Unidos gastaram cerca de 51 bilhões de dólares na "guerra às drogas".

Lógico que ninguém jamais comentou que essas "drogas" eram consumidas já há milênios e faziam parte da cultura de regiões de interesses estratégicos para os EUA, como os países andinos da América Latina (a cocaína), da Ásia Oriental (os opiáceos), a África e o Brasil (a maconha).

Paralelamente a tudo isso, um grupo de 26 jovens e inexperientes cientistas canadenses, todos recém-formados e liderados pelo também recém-formado psicólogo Bruce K. Alexander, resolve aprofundar seus estudos a respeito da vinculação entre os usuários de drogas e as substâncias psicoativas, uma vez que tudo o que sabíamos a esse respeito era através de experiências feitas com camundongos isolados em gaiolas, onde lhes eram oferecidas drogas, as quais consumiam até a morte!

Essa experiência fica mundialmente conhecida como "O Parque dos Ratos", retratada também em forma de cartum em <https://www.stuartmcmillen.com/pt/comic/ratolandia/>.

Infelizmente para toda a humanidade, a ONU proíbe sua divulgação, uma vez que ela desqualifica todos os princípios da "Guerra às Drogas", principalmente seu argumento central: a "dependência química".

O parque dos ratos ganhou repercussão internacional apenas recentemente devido à Internet, a qual permite a todos nós trocarmos informações. Alguns pesquisadores e cientistas

comprovam sua legitimidade cada vez mais, seja na prática do dia a dia ou em experiências complementares, como Karl Hart relatou em seus livros "*Um Preço muito Alto*" e "*Drogas para Adultos*".

Recentemente, Bruce nos brindou com um artigo publicado no livro "*Criminalização ou acolhimento, políticas e cuidados a pessoas que também fazem uso de drogas*", que está disponível no site do Observatório das Adições Bruce K. Alexander (www.observatoriodasadicoes.com.br/livros).

Mas o porquê do uso do termo dependência química, qual sua origem e necessidade de sua existência?

Em seu excelente artigo "*A invenção do Vício*"⁽¹²⁾, Henrique Carneiro dissecou algumas questões que respondem a essa pergunta.

Em primeiro lugar, é importante realçarmos que a existência da "dependência química" é um caso clássico de marketing nazista e, atualmente, dos fascistas, para convencerem a todos do quanto é necessária: "*uma mentira repetida 1000 vezes torna-se uma verdade!*"⁽¹³⁾

A primeira coisa que salta aos olhos é a relevância dos equipamentos de controle e/ou disciplinadores em nossa sociedade.

A cada passo que damos adiante, mais se consolida a sociedade de controle⁽¹⁴⁾.

O uso de novas tecnologias que deveriam trazer mais conforto para todos nós, transformou-se em uma arma para manter o privilégio de uns poucos em detrimento do bem-estar da imensa maioria.

Ao longo de nossa história, esse movimento tem se repetido sistematicamente, em algumas épocas mais do que em outras.

As prisões, manicômios, escolas, conventos, templos religiosos, as forças armadas, polícias^(15,16) etc. consomem uma quantidade absurda de recursos de toda a ordem com a única finalidade de nos manter sob controle.

Por outro lado, profissionais que se dedicam a dar prazer ao outro são absolutamente desqualificados, humilhados, desprezados, como, por exemplo, prostitutas e palhaços, assim como as instituições que os acolhem, como o circo e os prostíbulo. Mas, aqueles que se dedicam à dor e ao sofrimento alheios são louvados, endeusados, santificados!

Podemos estender essa lógica para outros fatos, como a questão da obesidade, símbolo maior do prazer de comer, que é cercada de inúmeros preconceitos e tida como "feia" pelos padrões estéticos, além das supostas verdades interligando, de forma absoluta, a obesidade à insanidade, como se a magreza, símbolo da carência, fosse saudável.

¹² Publicado em "*Criminalização ou acolhimento, políticas e práticas de cuidados com pessoas que também fazem uso de drogas*", em www.observatoriodasadicoes.com.br, livre acesso

¹³ LTI, A linguagem do Terceiro Reich, Victor Klemperer

¹⁴ 1984, George Orwell

¹⁵ Vigiar e Punir, Michael Foucault

¹⁶ Manicômios, prisões e conventos, Erving Goffman

Não à toa, a gula é um dos 7 pecados capitais!

Ao observamos os seres vivos, desde um simples organismo unicelular até o universo, constataremos que têm em comum o movimento pulsante, no qual a contração é a reação a uma situação desagradável e a expansão, a uma situação prazerosa.

Esses dois movimentos atingem seus ápices em alguns seres vivos como, por exemplo, nós humanos durante o orgasmo. Não por outro motivo, o orgasmo é considerado, por alguns pesquisadores, como sendo o maior prazer que nós humanos podemos ter ⁽¹⁷⁾.

E, de novo, nos deparamos com um prazer proibido, o orgasmo, principalmente para as mulheres. Algumas mulheres, mães de diversos filhos, vivem suas vidas sem jamais conhecerem a sensação do orgasmo!

A proibição do prazer é tanta que, hoje, em pleno século XXI, cerca de 200 milhões de meninas e mulheres têm seus clitóris suprimidos, sendo que o único órgão do corpo feminino dedicado exclusivamente ao prazer. E todos nós assistimos a isso indiferentes, como se o restante da humanidade não tivesse nada a ver com isso.

Toda essa proibição ao prazer e enaltação da dor e do sofrimento é normatizada pela sociedade aos poucos, cotidianamente, nas micro relações com o que nos cerca.

Induzem-nos a crer nela a partir de ditos populares e até na vivência de situações de nosso cotidiano, por exemplo: alguém chega em casa cansado do trabalho e senta-se em sua confortável poltrona, onde lhe esperam um copo de vinho e seu jornal. Imediatamente, ao se acomodar em sua poltrona, uma criança de 3 anos, por exemplo, se aproxima e o chama para brincar.

Seria considerado normal que essa pessoa pedisse para a criança esperar, porque ele ou ela vai relaxar e, em seguida, ambos brincarão.

A criança se afasta correndo, mas tropeça e cai.

A reação esperada da pessoa é que imediatamente se levante e acolha a criança!

E, assim, vamos naturalizando a lógica de que a atenção, o carinho, a acolhida são respostas características ao sofrimento. Já as respostas às vivências de prazer e alegria são, com frequência, a indiferença ou a repressão.

Sim, podemos ficar aqui descrevendo / citando inúmeros exemplos de quanto o prazer é proibido e de quanto a dor e o sofrimento são recompensados.

Por quê?

O que motiva a todos nós é a busca do prazer, do bem-estar.

Se nos lembrarmos da fábula da criação do universo, Adão (o homem) estava só no paraíso até que surge a mulher e lhe oferece a maçã (a fruta da sabedoria na cultura hebraica). Não

¹⁷ A Função do Orgasmo, Wilhelm Reich

resistindo à tentação, Adão saboreia a maçã e ambos são expulsos do paraíso. Adão recebe como castigo ter de trabalhar para sustentar sua família e Eva, sentir dores ao parir.

Se o que nos move é o prazer, aquele que dominar o prazer do outro domina a sua vida ou, em outro sentido, quem é suprimido do prazer não tem motivação para viver, ficando mais dócil, subserviente, sujeitando-se a servir a seu senhor / homem / algoz!

Dentro dessa ótica, por que substâncias que proporcionam prazer seriam permitidas?

Como a elite não pode declarar o prazer como algo proibido, ela busca subterfúgios para proibi-lo. Então, justifica "oficialmente" a proibição do prazer como uma ação necessária para proteger a todos nós dos malefícios que a situação que nos proporciona prazer pode nos causar. Na verdade, a elite está defendendo seus interesses, mesmo que para isso tenha de matar muitos de nós, como acontece com a "guerra às drogas" que, na verdade, é a "guerra aos drogados".

Um grande exemplo é o uso da maconha no Brasil.

Em 4 de outubro de 1830, a Câmara Municipal do Rio de Janeiro promulgou a primeira lei que proibia o uso da maconha no Brasil, sendo o uso punido mais severamente do que o comércio, uma vez que o comércio era praticado por homens brancos, integrantes das elites, donos das terras onde a maconha era plantada, e quem a usava eram os escravos negros, os gentios, os excluídos do poder...

A justificativa para a proibição.... *"Fica proibido o uso da maconha por homens negros, porque seu pito os deixa preguiçosos, sem vontade de trabalhar, somente desejando o prazer do sexo. Já as mulheres negras devem ser estimuladas a usar, pois reproduzirão mais. Quanto ao homem branco, ele sabe o que lhe é melhor."* ⁽¹⁸⁾

Os fatos referentes ao uso regular de substâncias psicoativas são tão mascarados que poucos sabem que Sigmund Freud ⁽¹⁹⁾, por exemplo, era usuário de cocaína, Walt Disney, de ópio, Ray Charles, de heroína. Keith Richards, guitarrista do Rolling Stones, é usuário de diversos tipos de drogas, e tantos outros intelectuais, músicos, religiosos e todo tipo de gente, de todas as classes socioeconômicas e culturais, usaram e usam, regularmente, substâncias psicoativas.

Para os integrantes das elites financeira, intelectual ou moral, o uso de substâncias psicoativas é, e sempre foi, considerado pela própria elite como algo circunstancial, sem dolo; mas, para os gentios, aqueles que devem trabalhar e produzir riquezas para as elites, não, ela tem de ser proibida!

Dependendo da utilidade que o usuário tem para a elite, o uso de substâncias psicoativas será visto de uma forma ou de outra. Se o usuário for conveniente para a elite, o uso de drogas torna-se algo pitoresco; se o usuário incomodar a elite, torna-se doentio ou criminoso!

18 Droga, A História do Proibicionismo, Henrique Carneiro

19 Freud e A Cocaína, David Cohen, com notas de Ana Freud

Só para lembrar, a elite sempre isola seus adversários mais perigosos criminalizando-os ou adoecendo-os e essa é uma das principais utilidades das drogas: justificar o isolamento de usuários e desqualificar as denúncias que eles fazem dessa sociedade que nos é imposta.

Com a revolução industrial (1760 / 1840), surge a urbanização; com a urbanização, a concentração de grandes massas e, assim, poderosos movimentos sociais passam a colocar em risco a sociedade idealizada pelas elites.

É necessário o surgimento de novas formas de controle.

Já não basta mais punir, é fundamental que a disciplina se torne mais rígida, determinando com precisão o que pode ou não ser feito, quem pode ou não viver, quem é útil ou não.

É necessário disciplinar com mais rigor a grande massa que, até então, espalhava-se por grandes extensões territoriais, dificultando sua organização e, conseqüentemente, o surgimento de movimentos sociais. Essa massa de gente aglomerada nas grandes cidades precisa adequar-se docilmente às novas regras da vida urbana. Assim, seus membros são transformados em produtores de bens de consumo, produtores - na realidade - da riqueza de seus senhores.

A elite precisa que homens, mulheres, crianças e todos aqueles que conseguem manter seus corpos em pé trabalhem até 14 horas por dia, sujeitos a todos os tipos de castigos, abusos sexuais, humilhações, salários aviltantes e, ainda por cima, agradecendo o fato de estarem vivos.

Agora, os senhores já não são mais donos de corpos escravizados, mas donos de almas humanas, ladrões da autoestima dos trabalhadores, porque é necessário que todos acreditem que seus senhores, os donos das fábricas, são pessoas bem-intencionadas que querem produzir riqueza para, no futuro, distribuí-la entre todos os que merecerem!

Enquanto a riqueza não cresce o suficiente para ser distribuída entre todos, a elite administrará a vida de todos, "*visando o bem comum (lógico!)*", sem que os trabalhadores tenham sequer o direito de reclamarem, numa situação pior do que a dos antigos escravos, uma vez que aos escravos era reservado o direito de serem castigados e, com isso, se revoltarem.

Aos operários não, surge a meritocracia que traz uma nova verdade: quem se empenhar será recompensado, portanto, os que não se sentirem recompensados é porque não se empenharam o suficiente, tendo em vista que o sistema é perfeito.

Para completar tudo isso, na relação escravo e seu dono, os donos tinham de garantir a alimentação e a moradia para que os escravos se mantivessem com saúde e, conseqüentemente, com valor para venda, remunerando seus senhores.

Já os trabalhadores fabris não, basta a seus patrões pagarem seus míseros salários, porque se algo lhes acontecer, são pura e simplesmente substituídos.

E assim nasce o biopoder²⁰, que vai determinar quem vai viver e como!

20 Em defesa da sociedade, Michael Foucault

Nessa dinâmica, os males dos indivíduos passam a ser de responsabilidade do próprio doente. Se, antes, o usuário abusivo de álcool era identificado como "adicto", palavra originária do latim que significava aquele que tinha se tornado escravo por não pagar suas dívidas, agora adicto era aquele que não conseguia ter controle sobre si.

Mas isso não bastava mais, até porque a "doença" da adição acontecia entre membros da elite, também.

Assim, era preciso caracterizar a relação com algumas substâncias psicoativas como algo doentio, oriundo da má formação do organismo do indivíduo, uma doença incurável e genética, inocentando por completo o sistema socioeconômico que sustenta a elite com todos os seus privilégios, como sempre foi.

Surge então, a "*dependência química*", que afirma, sem nenhuma comprovação de espécie alguma, que as substâncias é que viciam os indivíduos e, tal como a lepra ou o câncer ou qualquer outra doença, se não for imposto um tratamento ao dependente, ele não conseguirá libertar-se do "vício".

Esse novo paradigma autoriza, inclusive, que o tratamento seja independente da vontade do doente, pois sua vontade estaria capturada pela droga, mantendo-o permanentemente subserviente a ela. Como diz o ditado popular, "o que arde cura, o que aperta segura", se o paciente reclamar é sinal de que está sendo curado.

Daí nascem os manicômios, onde os usuários de substâncias psicoativas são misturados com pessoas em sofrimento mental e, mais recentemente, as comunidades terapêuticas, que transformam os campos de concentração nazistas em parques de diversão.

Pronto, finalmente o prazer é patologizado e, com isso, ganham os de sempre (a elite) e perdem também os de sempre (o povo).

Vivemos em um regime capitalista selvagem, onde só existe e persiste o que gera lucro, riqueza. Se existem os excluídos sociais é porque eles geram lucro, e muito lucro.



Milícia no Rio cobra taxas para pop rua

Podemos citar inúmeros outros comércios que são feitos, tendo como matéria prima ou produto a população em situação de rua, das mais diferentes idades. Com um pequeno esforço de memória nos lembraremos que num passado bastante próximo era comum encontrarmos pelas ruas de nossas cidades, principalmente em regiões de grande comércio, grupos de crianças e adolescentes que cometiam pequenos delitos para sobreviverem.

Eram frequentes as matérias jornalísticas "espetaculosas" a esse respeito.



Sim, onde estão nossas crianças?

Vocês já repararam que não se fala mais sobre isso e que os DEGASEs (instituições onde os menores em conflito com a lei são "acolhidos") estão vazios?

O que será que aconteceria se não se visse mais, pelas ruas de nossas cidades, crianças e adolescentes de todas as classes sociais? Será que todos ainda estariam em silêncio?

Só para se ter uma ideia do que estamos falando, de acordo com dados da ONU, o tráfico humano é um dos 5 crimes mais rentáveis em curso na humanidade. Sendo as crianças e adolescentes brasileiros em situação de rua "matérias primas" preferenciais e, mesmo assim, a estrutura de repressão ao tráfico humano no Brasil é pífia...

"Hoje, há mais escravos do que havia antes da proibição da escravidão", constata Manfred Max Neef (<http://tinyurl.com/394hmk75>).

Nos últimos anos, a pop rua tem crescido exponencialmente em todos os lugares, até mesmo em países onde isso, há pouco tempo, era impensável!

Em dezembro de 2024, o percentual de cidadãos vivendo pelas ruas de nossas cidades é maior na União Europeia e nos EUA do que no Brasil.

	Pop rua (milhares)	População (milhões)	% (pop rua / habitantes)
Brasil	282	213	0,13%
União Europeia	700	416	0,15%
USA	580	332	0,17 %

Aqueles que não estão familiarizados com o tema podem imaginar que as condições oferecidas para os cidadãos em situação de rua na Europa, por exemplo, sejam bem melhores do que as oferecidas no Brasil, por exemplo, mas não é bem assim...

Crianças são vendidas a R\$ 5 mil e forçadas a pedir dinheiro na rua, em Portugal; entenda

Esquema é praticado por redes internacionais de tráfico humano; menores de idade são obrigados até a se casar e a engravidar

Por O Globo e agências internacionais — Porto
11/05/2023 04h00 · Atualizado



<http://tinyurl.com/25zcd476>

Ao nos depararmos com esses dados, vemos como o tema da pop rua é extremamente complexo, a ponto de sociedades com diferentes organizações socioeconômicas viverem o mesmo quadro de desalento.

É bem verdade que a crise econômica gerada pela COVID 19 acentuou o quadro socioeconômico, mas, infelizmente, esse fenômeno veio para ficar, uma vez que a única forma de o Ocidente conter o crescimento econômico da China é barateando o custo de produção, uma vez que a China utiliza trabalho escravo em suas linhas de produção.

Devido ao fato de que o Ocidente não tem como utilizar o trabalho escravo abertamente, o que nos resta é reduzir a participação do ser humano nos processos de produção (seja na agricultura, com a automação; na indústria, com a robotização; no sistema financeiro, com o uso maciço da Internet ou nas próprias atividades profissionais realizadas através de relações interpessoais (como professores, médicos, atendentes, ...), com o uso da inteligência artificial). Embora isso vá nos custar a redução de milhões de postos de trabalho e o fim de profissões milenares fundantes de nossa sociedade, como a de professor, por exemplo.

Mudanças no mercado de trabalho



Automação da
Agricultura,



robotização das
fábricas,



uso da internet no
sistema financeiro,



inteligência artificial



Fábricas com realidade virtual, IA e quase sem humanos avançam no Brasil, mas atraso no 5G é entrave.



Número de moradores de rua com curso superior cresce 75% em 1 ano no RJ

No Centro, área de maior concentração, muitos deles dormem por ali para ficar perto do trabalho, sem gastar passagem ou aluguel. Estudo é da Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos.

Forbes

Metade das competências profissionais serão irrelevantes em 2025, diz estudo

Com o avanço da inteligência artificial, até mesmo altos executivos estão preocupados com a absorção das suas tarefas pela tecnologia

As transformações não se resumem apenas aos processos de produção, mas vão muito além....



Inteligência artificial vai substituir 80% dos empregos.

Responsável por cunhar o termo IA generativa, o matemático Ben Goertzel prevê que faltam 'anos e não décadas' para IA desenvolver habilidades cognitivas humanas

<https://tinyurl.com/yu6iy5kz>

Você seria capaz de imaginar algo assim um ano atrás?



Com a possibilidade do desempenho de funções burocráticas à distância, as grandes cidades estão se esvaziando e seus moradores estão migrando para regiões próximas em busca de melhor qualidade de vida e redução de custos, produzindo uma alta taxa de vacância de imóveis residenciais.

Grandes municípios vivem movimento inédito de perda de população para entorno, revela Censo

Rio está entre as cinco cidades mais populosas que mais registraram queda no número de habitantes

<http://tinyurl.com/56e7a6bk>

De acordo com o último censo do IBGE, hoje, o Brasil tem 11 milhões de imóveis residenciais vazios, o que, teoricamente, seria suficiente para acabar com o déficit habitacional em nosso país <http://tinyurl.com/2vbchdxv>.

Junte-se a esse fato que tarefas que até hoje eram realizadas por humanos (como motoristas de automóveis, ônibus, caminhões e / ou entregadores de encomendas e/ou...). Estes vêm sendo rapidamente substituídos por sistemas autônomos, reduzindo ainda mais a oferta de postos de trabalho <https://tinyurl.com/2p8dbwwf>.

FOLHA DE S.PAULO

04/12/2023

Em cidade da China, carros não têm motorista e delivery de comida é por drone

Avanços tecnológicos incorporados ao cotidiano de parte da população enfrentam ameaças devido à competição do país com os EUA

A consequência dessas transformações é a drástica redução de postos de trabalho nas grandes e médias cidades, principalmente para aqueles que tem menor capacidade de adaptação a diferentes cenários ou para cumprirem tarefas variadas.

Assim, manter-se residente em grandes / médias cidades é, cada vez mais, correr o risco do desemprego.

Ao acrescentarmos a esse grupo de pessoas, os jovens (de todas as camadas socioculturais) que nem estudam e nem trabalham, os chamados **NEM** - um fenômeno mundial também extremamente expressivo -, temos uma noção da gravidade da situação socioeconômica que as próximas gerações vão enfrentar. No Brasil, de acordo com o IBGE, tínhamos em 2022 mais de 7 milhões de cidadãos e cidadãs nessa situação! <https://tinyurl.com/2d3bzv9v>

O momento que vivemos é tão grave que a taxa de suicídio entre jovens no Brasil cresceu 43% entre 2010 e 2019!

Os analfabetos e semianalfabetos digitais de hoje terão suas possibilidades de inclusão social cada vez mais reduzidas nessa sociedade tecnológica que estamos construindo, com a situação tendendo a se agravar rapidamente.



Toda essa população que hoje já não participa ativamente da sociedade tecnológica em construção tem sido chamada por alguns intelectuais de direita de "excedentes", dando a conotação de que são descartáveis.

O que se especula, no momento, é que milhões de pessoas ficarão sem postos de trabalho em todo o planeta, a ponto de algumas das pessoas mais ricas do mundo (os fundadores da Amazon e da Apple, por exemplo), personalidades etc. terem assinado um manifesto solicitando a interrupção **imediate** das pesquisas relativas ao desenvolvimento da inteligência artificial, com medo de perdermos o controle do processo como um todo.

Pensar em políticas públicas de inclusão social a partir do "aqui e agora" já não é mais suficiente, embora, obviamente, tenhamos de atender às demandas atuais, pois, como dizia Betinho, "quem tem fome tem pressa".

O retrato do quadro atual é somente um alerta para o que viveremos num futuro próximo se não desenvolvermos políticas públicas que promovam a inclusão social dessa gigantesca massa humana que tende a aumentar ano após ano: os **excluídos digitais**.

Segundo o IPEA, em dezembro de 2022 tínhamos no Brasil em torno de 282 mil brasileiros e brasileiras vivendo nas ruas de nossas cidades, os chamados pop rua²¹.

De acordo com o IBGE, em uma década, de 2012 a 2022, o crescimento da pop rua foi de 211%, uma expansão muito superior à da população brasileira no mesmo período, de apenas 11%.

Como fica extremamente fácil perceber, o atual perfil da pop rua em todo o mundo evidencia que o que leva uma pessoa a se excluir socialmente não são fatores isolados, sejam sociais ou pessoais.

Existem inúmeras opções a serem feitas antes de se excluir socialmente, o que só acontece quando o cidadão não consegue identificar nenhum lugar que ele deseje e em que se sinta desejado, útil, pertencente. O sentimento de excluído social precede o fato de ser efetivamente um excluído social.

O excluído social é formado ainda criança, em sua grande maioria com características que as diferenciam das demais. O meio onde essa criança se desenvolve não está preparado para lidar com tais características.

Essa pessoa, desde criança, vai escutando na escola, na comunidade, na família, que ela é desajustada, o que é confirmado por seu desempenho social diferente do esperado.

Quando, mais tarde, acontece algo na vida dela que reafirma o que lhe era dito desde a mais tenra idade, ela se convence que todes estavam certos e o que lhe resta é a menos valia e as calçadas da vida. Então, a pessoa tenta esquecer essa vida que não quer viver, mas que não sabe como dela se desfazer.

Trazer alguém de volta ao convívio social efetivo, saudável, é precedido pela escuta, pelo acolhimento, pela solidariedade manifesta no respeito às escolhas feitas até ali por essa pessoa.

É a partir do respeito e da cumplicidade que se construirá uma relação em que o reencontro de fato será possível e desejado.

Efetivamente, o ponto de partida deve ser o olhar (os olhos são as janelas da alma), a escuta e a vontade de se relacionar.

A soberba é a maior inimiga de qualquer relação, e não seria diferente aqui.

Não podemos nos esquecer de que esse mundo burguês, patriarcal, egoísta, machista, racista, fascista, ... em que vivemos foi recusado por eles / elas e que preferiram as ruas. Querer trazê-los de volta para o mesmo lugar de onde saíram ou atribuir a terceiros a responsabilidade das coisas estarem como estão é aumentar em muito as possibilidades de tudo ficar como está.

Com frequência, atribui-se ao uso de substâncias psicoativas a responsabilidade pela exclusão social. Em primeiro lugar, é necessário sempre nos lembrarmos de que, para consumir substâncias psicoativas é imprescindível que se tenha recursos financeiros, o que falta, efetivamente, para a pop rua.

²¹ <https://tinyurl.com/mr38bs7e>

Além da falta de recursos financeiros, o uso de substâncias psicoativas expõe quem vive nas ruas ainda mais a situações de perigo, retardando reações de defesa de quem as usa.

Como vemos, o uso de substâncias psicoativas não é, efetivamente, o responsável pela situação de exclusão social, mas sim o oposto: a vivência da exclusão social é que leva ao uso de substâncias psicoativas²².

Uma outra situação bastante comum nessa relação entre os excluídos sociais e os que se sentem incluídos e querem "ajudar" os excluídos sociais é o sentimento da caridade como intermediador da relação, o que não faz bem para ninguém.

Aquele que pratica a caridade acaba por se esquecer que acolher os que necessitam de acolhimento é uma obrigação do Estado, e acaba naturalizando a situação, sem cobrar do poder público políticas públicas que previnam essa situação ou que promovam a inclusão social dos que dela precisam.

Quanto ao suposto beneficiário da caridade, ela só reafirma sua incapacidade de conquistar por mérito próprio aquilo que deseja, dificultando ainda mais a conquista da autoestima.

Não que a sociedade civil não deva participar ativamente no acolhimento de cidadãos e cidadãs que necessitem, mas sempre com a perspectiva de que está atuando em uma situação emergencial, que deve durar o menor tempo possível, cobrando que o poder público tome providências para implantar uma política pública que resolva esse tipo de situação definitivamente.

"Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos, constatando apenas."

Paula Freire

O processo de conquista da autoestima passa, com certeza, pela participação de terceiros que, num primeiro momento, acredite mais no sucesso desse processo que o excluído, levando para dentro da relação, a confiança que falta no excluído, o que trará a perseverança para enfrentar os fracassos naturais de qualquer processo de conquista.

Faz parte desse caminhar cair em velhas armadilhas, como, por exemplo, voltar a usar substâncias psicoativas. O que devemos ter em mente é que cada pequena conquista que aconteça é um enorme passo em direção ao lugar a que pretendemos chegar. É na caminhada que vamos aprender a caminhar e fazem parte dela tombos, arranhões, machucados etc.

O processo de aprender a se amar, se respeitar, se orgulhar de si próprio é igual a qualquer outro, com os mesmos percalços, sofrimentos, conquistas e alegrias.

"É preciso sonhar, mas com a condição de crermos em nosso sonho, de compararmos escrupulosamente nossos sonhos com nossa realidade. Sonhos, acredite neles."

²² Hart, Carl, Um preço muito alto, ed. Zahar:2014

É na intermediação entre o sonho e a realidade que as substâncias psicoativas têm seus lugares guardados, na grande maioria das vezes. E esse é o espaço a ser ocupado por quem deseja participar da conquista da cidadania pelo adicto, tendo a consciência de que seu desejo também é um sonho e, portanto, deve seguir os mesmos princípios de todos os outros: comparar, permanentemente, escrupulosamente, nosso sonho com a realidade e a ela ir nos adequando.

Nós, do Observatório, acreditamos que o processo de conquista da cidadania deve passar pelo desejo do excluído, respeitando sua cultura, sua trajetória, suas possibilidades e dificuldades. É preciso estabelecer passos que sejam possíveis de serem dados sem grandes sacrifícios, de tal maneira que o excluído vá progressivamente reconquistando a autoconfiança e, com ela, a possibilidade de enfrentar novos desafios.

Como realça a frase símbolo do Observatório, criada por Dan Small...

É preciso criar sistemas que se adequem às pessoas e não pessoas que se adequem ao sistema.

Sim, não podemos nos prender ao teor dessa frase de forma absoluta, mas também não podemos descartá-la.

O processo de inclusão social deve, necessariamente, passar pelo desejo, pelo sonho do excluído, que deve ir sendo escrupulosamente adaptado à realidade. Além disso, deve atender a parâmetros que garantam a realização desses sonhos, como a cultura e os recursos locais, não de forma absoluta, mas de forma a viabilizar a inclusão social dos participantes e do próprio processo.

É fundamental que todo esse processo vise à autonomia do excluído, de tal forma que ele possa, em algum momento, caminhar com suas próprias pernas em direção ao lugar que efetivamente deseja estar.

Nesse sentido, temos de procurar conjugar tarefas com:

-  *baixo uso de tecnologia*, viabilizando a participação de todos que desejem dele participar, independentemente de suas características pessoais;
-  *com alta relevância social*, contribuindo para o resgate da autoestima de seus participantes;
-  *gere o máximo de postos de trabalho possível*, uma vez que nosso objetivo primeiro é a geração de postos de trabalho;

Nós, do Observatório, cunhamos o termo produtividade social para as tarefas a serem propostas, de tal forma que tenhamos um parâmetro para poder compará-las. Assim, numa escala de "zero a 1", quanto mais próximo do zero, menor a produtividade social e quanto mais perto do 1, maior a produtividade social²³.

²³ Termo cunhado pelo Observatório das Adições Bruce K. Alexander para definir atividades laborativas que tenham como característica a geração de um alto índice de postos de trabalho que possam ser desempenhados por indivíduos com características pessoais diversas, porém com uma hierarquia simples onde os trabalhadores tenham possibilidade de imprimirem ritmo e formas de fazer diversos de acordo com suas características individuais, onde a preocupação primeira seja o acolhimento de indivíduos que dele queiram participar contribuindo cada um dentro de suas possibilidades, habilidades e intelectualidade, com uma distribuição de renda próxima entre a maior e a menor remuneração.

Ter a ilusão de que vamos resolver a questão dos excluídos sociais num passe de mágica é alimentar cada vez mais esse sistema perverso que tem como grande trunfo a desqualificação do ser humano, atribuindo-lhe a responsabilidade por ser quem é sem a participação da sociedade em que ele se formou, como realçado anteriormente.

Não podemos nos esquecer que vivemos num sistema capitalista selvagem, onde só existe o que dá lucro e a pop rua gera muita riqueza, como:

- ✚ reserva de mão de obra para o grande capital <https://youtu.be/IdJSK1lr19s>;
- ✚ para as milícias das grandes cidades chantagearem comerciantes ao agruparem a pop rua em determinados locais, de forma a reduzir drasticamente a circulação de consumidores e, em seguida, vender "segurança" retirando-a daquele espaço li <https://tinyurl.com/yehxs496> ;
- ✚ para instituições de fachada obterem recursos de agentes financiadores nacionais e internacionais, que deveriam ser aplicados na construção de programas dedicados à pop rua, mas nunca acontecem (a ONU estima que só 30% dos recursos destinados a ações sociais cheguem a sua atividade fim);
- ✚ como matéria prima do tráfico humano que, de acordo com a ONU, é um dos cinco crimes mais lucrativos em curso na humanidade hoje;
- ✚ etc.

Sem dúvida alguma, uma ação que deixou marcas muito profundas e duradouras em nossa sociedade foi a reforma antimanicomial e, conseqüentemente, o fechamento dos manicômios.

Assim como ocorreu com a abolição da escravidão, o Estado brasileiro pura e simplesmente abandonou à própria sorte os usuários dos manicômios, não colocando em operação os equipamentos previstos na própria legislação que promoveu a reforma antimanicomial.

O resultado disso foi o mesmo da abolição dos escravos.

Sem terem para onde ir, foram viver em situações precárias, com a grande maioria indo morar nas ruas de nossas cidades, aumentando em muito o número de pop rua.

Até aqui, a resposta do Estado Brasileiro para esses cidadãos tem sido pífia, com projetos organizados a partir de dogmas antigos, com frequência religiosos, que colocam esses cidadãos como alvos de ações de caridade, não os reconhecendo como cidadãos de direitos.

Não podemos nos esquecer que a Igreja Católica sempre apoiou a escravidão, o castigo físico e tudo aquilo que a mantivesse no poder. Assim, acobertou as nefastas decorrências de suas ações com discursos conclamando a todos a fazerem doações que seriam destinadas à caridade. Na realidade, protegem e abrigam, em seus conventos e territórios, abusadores de crianças, integrantes de suas igrejas de diversos escalões pedófilos.

Continuar a oferecer políticas públicas assistencialistas, criadas a partir de um retrato momentâneo e baseadas em preconceitos seculares é evidentemente inútil.

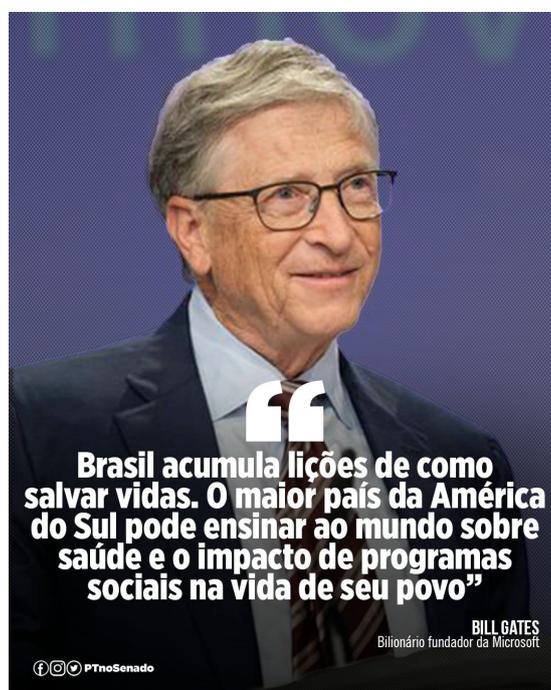
Atribuir a características individuais (doença mental, consumo de drogas, falta de vontade de trabalhar etc.) a condição em que os excluídos sociais²⁴ vivem, é continuar culpando os inocentes (os excluídos sociais) e inocentando o verdadeiro responsável, a elite que nos governa e nos impõe esse sistema socioeconômico cultural que gera os excluídos sociais.

A resposta a essa demanda social não pode passar pelo viés do amadorismo, pensando que uma ação isolada irá solucioná-la. É necessário que seja implementada uma cesta de políticas públicas simples, cotidianas, de efeito imediato.

É possível fazer diferente, é possível viver diferente.

O Brasil, dada a sua vasta extensão territorial e sua imensa diversidade cultural, tem a oportunidade de atuar de forma pioneira, lançando tecnologias sociais que atendam à demanda dessa imensa massa de seres humanos que está e ficará à margem da "sociedade tecnológica".

Mais uma vez, podemos servir de exemplo para o mundo, como aconteceu no passado recente, quando o Brasil saiu do mapa da fome da ONU.



Temos tudo o que precisamos, só nos falta a vontade política.

²⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=3YJRNE2iz4o>